TEXTO 1

Mistérios da Deep Web, parte 1: o que é a Deep Web?

Bem por cima

Expressões como “Deep Web” ou “surfar/navegar na web” vêm da percepção da internet como um oceano. Os sites que você acessa normalmente seriam como a **superfície** desse mar. Esses endereços contêm dados reconhecidos (e catalogados) pelos buscadores, facilitando o acesso de qualquer usuário. Mas nem o “todo-poderoso” Google encontra 100% do conteúdo da internet...

Fora do radar

Existem páginas “fechadas” que um mecanismo de busca tradicional não consegue achar. Elas podem ser, por exemplo, uma área de um site comum restrita com login e senha. Ou pertencer à rede interna de uma empresa. Ou são endereços escondidos propositadamente dos buscadores, com endereços bizarros. Todo esse conteúdo inacessível é a **Deep Web**(“internet profunda”).

Uma vastidão oculta

O termo Deep Web foi usado pela primeira vez pelo especialista Michael Bergman em 2000, quando ele apontou a incapacidade dos motores de busca de indexar essas páginas. Em geral, esses sites são gerados dinamicamente e criptografados (ou seja, codificados para gerar maior segurança). Estima-se que a Deep Web seja **500 vezes maior** que a internet catalogada.

Mergulhando com segurança

Como boa parte do conteúdo nessas “profundezas” está encriptado, é preciso ferramentas diferentes para acessá-lo. Um **navegador** bastante usado para acessar na Deep Web é o Tor. Sua origem não tem nada de “maligna”: ele foi desenvolvido nos anos 90 por matemáticos da Marinha norte-americana para proteger as comunicações de inteligência do país.

Ainda mais escura

A intenção de esconder conteúdos era até positiva: proteger informações confidenciais, como as de um governo ou de uma empresa. O problema é que esse anonimato atraiu praticantes de atividades ilegais, como tráfico de drogas e armas, fraudes e pedofilia. Tudo isso constitui um setor específico e assustador da Deep Web: a **Darknet** (“rede sombria”).

https://super.abril.com.br/mundo-estranho/misterios-da-deep-web-parte-1-o-que-e-a-deep-web/

TEXTO 2

Garantia de anonimato para quem navega

Quando navegamos na Internet, deixamos rastros por todos os lados: cookies, históricos públicos, históricos no servidor/provedor de serviços e outros mais específicos. Assim, na superfície – na navegação tradicional –, o anonimato é uma ilusão, pois bastam alguns conhecimentos básicos para rastrear a navegação de quem quer que seja. A Polícia Federal já utiliza recursos de rastreamento e consegue "pegar no pulo" alguns pedófilos desavisados. Uma página ser protegida da indexação dos mecanismos de busca não garante o anonimato de quem navega.

Para que o usuário fique totalmente anônimo, existe um browser específico, chamado Tor. Partindo da premissa de uma Internet totalmente livre, o browser oferece anonimato absoluto, sendo ferramenta essencial de quem deseja ficar oculto em suas navegações pela deep web.

Por incrível que pareça, é simples assim: basta usar o antivírus no talo, uma máquina virtual que permita simular outro computador dentro de seu sistema principal, garantindo mais segurança para os seus dados, o Tor, e pronto: é só mergulhar no pântano lamacento da deep web.

O que encontro na deep web?

O caminho comum, depois de instalar a máquina virtual, colocar o antivírus no modo paranóico e instalar o Tor, é acessar a Hidden Wiki, espécie de Wikipedia do caos: desde os previsíveis documentos secretos dos governos, tutoriais de invasão de sistemas dos mais variados tipos, senhas de usuários incautos (de serviços populares como o Facebook) até links para grupos de estupradores, pedófilos, canibais e usuários de drogas. Tudo de forma natural e convivendo, harmoniosamente (se é que tal termo cabe aqui), com os demais conteúdos.

Todos os acessos da deep web passam por aqui, é uma espécie de Google do submundo. Sem filtros, nem pudores, você acha tudo o que a doentia mente humana é capaz de conceber, de atos hediondos e macabros a anúncios de assassinos oferecendo seus serviços e de gente que se oferece para ser violentada. E quanto mais se explora, mais bizarro é.

TEXTO 3

O ‘hacker’ adolescente que aterrorizou meio mundo vendendo ameaças de bomba

A vida não havia sorrido para Michael Ron David. Afligido por um autismo profundo e com um tumor cerebral diagnosticado, suas palavras estavam marcadas desde a infância por um defeito na fala. Mesmo assim, tentou tirar partido do seu destino. Nasceu nos Estados Unidos, mas seus pais o levaram a Israel quando completou cinco anos. Mudaram-se para Ashkelon, uma cidade portuária da qual ninguém se recorda, exceto quando nela caem os foguetes Qassam disparados da vizinha Faixa de Gaza, ou quando os guias turísticos mencionam a figura bíblica de Sansão.

Kadar não conhecia quase ninguém. Não foi à escola. Livrou-se também do serviço militar, obrigatório no Estado judeu. Foi educado em casa por seus pais – um israelense e uma norte-americana, de quem herdou ambos os passaportes – como se fosse um ser monstruoso que a família queria ocultar. Passava o dia inteiro com seus computadores. Até que se tornou um especialista em informática, um *hacker* global, um explorador da *Deep Web*: as profundezas da Internet, aonde os buscadores nunca chegam. Foi detido há um mês, já completados os 18 anos, pela brigada de crimes cibernéticos da polícia de Israel. O FBI estava nos seus calcanhares havia semanas. Era o principal suspeito da crescente onda de ameaças feitas contra instituições judaicas nos EUA desde a chegada de Donald Trump à Casa Branca.